
“SANTA RITA DE CÁSSIA, ROGAI POR NÓS”: UMA ANÁLISE DA NOVENA DE SANTA RITA DE CÁSSIA NO RIO DE JANEIRO

Raquel Lima

Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa

Viçosa – Minas Gerais – Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6205-2557>

Introduzindo o trabalho: o contexto da produção da pesquisa

“Santa Rita de Cássia, rogai por nós: uma análise da novena de Santa Rita de Cássia no Rio de Janeiro”. É assim, seguindo a tradição de certos antropólogos que adotam títulos com linguagem poética e subtítulos com linguagem referencial, que inicio este artigo¹ onde descrevo e analiso, a partir da perspectiva de um ritual, a novena de Santa Rita de Cássia, realizada em uma Igreja católica² sob invocação desta santa, no centro do Rio de Janeiro, entre os dias 13 e 21 de maio de 2010. Embora a ênfase deste texto seja dada nos acontecimentos dos dias que antecederam a Festa³ desta santa, uma das mais populares no Brasil, conhecida como a “santa das causas impossíveis”⁴ (Casculo 1984; Bartholo 1991; Augras 2005) e padroeira daquela paróquia, as análises feitas aqui se pautam em observações realizadas entre os anos de 2009 e 2011, durante os quais realizei trabalho de campo com observação participante⁵.

Neste período, acompanhei com assiduidade as atividades relacionadas ao culto da santa, participei de reuniões diversas, mantive conversas informais com devotos, padres e outras pessoas ligadas à igreja, fiz entrevistas, colaborei na venda de artigos religiosos na ocasião da festa, etc. Esta inserção no campo foi fundamental

para a construção dos dados empíricos, os quais foram analisados a partir das contribuições teóricas da antropologia do ritual (com foco nos processos de simbolização e nas transformações rituais ocorridas no culto), da antropologia da devoção (a qual entende que o culto aos santos envolve dimensões relacionais estabelecidas entre devotos e santos, que passam por variadas formas de interação)⁶ e dos estudos de gênero. Incentivada pelas proposições de Tambiah (1985a), neste trabalho descrevo a novena como um sistema simbólico de comunicação constituído de sequências ordenadas e padrões de atos, falas e gestos rituais. Do mesmo modo, considerando que o arranjo da forma tem significado, faço uma pequena análise da estrutura formal das orações contidas no livrinho.

A palavra novena pode referir-se tanto a uma celebração ritual onde se realiza uma forma especial de oração, durante nove dias, quanto a um livrinho que contém as orações e orienta a realização da cerimônia. Diferentemente de outras preces católicas, nas quais o fiel pode rezar de qualquer forma e sem compromisso diário, na novena, rezar caracteriza-se pelos “nove dias sucessivos de oração, privada ou pública, para obter favores especiais ou graças” (N.C.E. 1967) de um santo, de Jesus Cristo ou de Nossa Senhora. A duração diferenciada dessa oração estaria simbolicamente atrelada aos nove dias em que os apóstolos e os primeiros discípulos teriam, seguindo o comando de Jesus Cristo, esperado em recolhimento e oração pela vinda do Espírito Santo. Tempo que registraria a concentração mais prolongada da devoção e do esforço espiritual em torno de uma suplicação também especial (N.C.E. 1967). O período que vai do início ao fim da novena marca o que a antropóloga Losonczy (1997) chama de “aquecimento da festa e dos santos”⁷.

No caso de Santa Rita, esse tempo de “aquecimento” é realizado nas celebrações dos nove dias que antecedem a festa da santa, como um evento preparativo para esta, embora a novena possa ser feita em qualquer época em que um fiel sinta necessidade de alcançar uma graça⁸. Pode ainda ser praticada individual ou coletivamente, em lugares privados ou públicos, e quando um devoto diz “vou fazer”⁹ ou “vou seguir” uma novena, ele pode estar se referindo ao ato de acompanhar a celebração na Igreja, ou ao de fazer uma oração coletiva, em grupo, ou ao de ler o livrinho ou folhas xerocadas dele, realizando a oração em casa.

1. O contexto da novena: o tempo da Festa

A novena faz parte da programação oficial das festas da santa e, por isso, é anunciada nos cartazes que a igreja coloca do lado de fora, sendo divulgada também nas missas e em reuniões de grupos religiosos. É importante enfatizar que a realização desse tipo especial de oração ocorre no tempo da festa, momento que é considerado como “o ponto alto da devoção” aos olhos de padres, funcionários e outras pessoas, apesar de haver uma dimensão cotidiana muito forte na devoção: “A devoção é mais no dia da festa, quando a igreja fica cheia e as pessoas trazem rosas” (secretário da

igreja); “A devoção tem o ponto alto na festa, com a bênção das rosas” (ex-pároco); “Você ainda não viu nada, espera a festa chegar” (vendedora da loja).

Essas falas nos remetem a uma esfera já bastante salientada por diferentes autores que discutem o tema das festas: a do tempo. Ao tentar esboçar “uma definição sociológica da festa”, Isambert (1982) comenta que toda teoria da festa começa logicamente por defini-la em relação ao tempo e, retomando os trabalhos pioneiros da escola sociológica francesa, em especial os de Hubert e Mauss (1929) e Durkheim (2008), mostra como, para esses autores, o tempo da festa opera uma distinção entre os atos considerados característicos da vida ordinária (profana), interrompendo sua continuidade e instaurando um tempo diferente (sagrado), marcado pela tentativa de se reatualizar, por intermédio dos ritos desses eventos, os fatos míticos que se passaram “fora do tempo” (Isambert 1982; Durkheim 2008; Hubert e Mauss 1929)¹⁰. Esta concepção que atrela a festa a um tempo especial foi apropriada diferentemente, sendo vista, por exemplo, como uma recriação efêmera do passado (Champagne 1977) e um retorno às origens (Caillois 1997).

Concebida como evento excepcional (Da Matta 1983), a festa de Santa Rita, embora seja atrelada aos dias que gravitam em torno do 22 de maio, precisa ser vista como algo constituído ao longo do tempo, já que começa alguns meses antes de sua realização, com as reuniões preparatórias, e se estende para além da festividade em si, com encontros de avaliação e de confraternização das pessoas que nela trabalham.

A celebração da novena

Celebrada sempre entre os dias 13 e 21 de maio, o ritual da novena foi realizado, em 2010, no final da missa das 18 horas, exceto nos finais de semana¹¹, quando ele se seguia à missa das 10 horas, com o celebrante informando aos participantes que daria início à novena, em preparação à festa da padroeira daquela igreja – Santa Rita –, que se aproximava. Isso era preciso, pois nem todos os que assistiam à missa eram devotos ou sabiam o nome da Igreja. Lembremos que é comum encontrar católicos frequentando igrejas do centro do Rio de Janeiro devido à facilidade de se situarem próximas ao local de trabalho ou então de estas estarem na trajetória percorrida pela pessoa, que aproveita para entrar e rezar, descansar ou apenas fugir do calor carioca (Menezes 2004a).

Apesar de o livrinho ser um guia para a execução ritual da novena, os passos para as orações prescritos nele não eram explicitados durante as celebrações da novena na igreja, e no próprio livrinho a orientação sobre como rezar só aparecia na parte relativa ao primeiro dia. Da mesma maneira, a antífona¹² e a oração final, que deveriam ser proferidas todos os dias, só constavam nas instruções do primeiro, talvez para economizar espaço no livro. Por outro lado, a ladainha¹³ de Santa Rita, que era cantada todos os dias, não constava no livrinho. Estes dados indicam que não se deve olhar o livrinho da novena pensando seu texto como um artifício linguístico abstrato,

sem apelarmos para os fatores contextuais (Silverstein 1997). É preciso considerar a situação do discurso, ou contexto, que, nesse caso, é o da celebração da novena pelo padre e pelos demais presentes para se entender a forma e o conteúdo, isto é, para se compreender melhor o significado do pedido na novena. Já que o ritual é eficaz devido, entre outras coisas, ao poder das palavras e ações (Leach 2000 [1966]; Tambiah 1985c), creio que seja interessante aqui analisar as categorias que compõem a novena, como as orações e as bênçãos, e decompor suas características distintivas em termos da forma interna e da sequência.

O primeiro dia começou com uma procissão que, vindo do exterior da igreja, conduzia uma imagem de Santa Rita, a qual foi colocada sobre um móvel especialmente preparado para a novena, no altar-mor. No dia seguinte, a imagem recebeu uma fita lilás¹⁴, que foi colocada em torno dela, atraindo muitos devotos que, a partir de então, passaram a se dirigir a ela, a fim de tocá-la, beijá-la, levá-la junto ao corpo e passá-la sobre a cabeça, testa ou garganta, o que salienta a importância dos gestos corporais como forma de oração na devoção (Bastide 2006; Menezes 2004a) e de interação com a pessoa da santa¹⁵ (Lima 2015b).

Em alguns dias, foram realizadas procissões de fiéis que, portando rosas¹⁶ distribuídas no início da celebração pela igreja, as levavam como forma de oferenda à santa do altar. Tais procissões eram acompanhadas pelo hino de Santa Rita, cantado pelo conjunto de músicos da igreja e pelos devotos que o conheciam, e outros que tentavam aprendê-lo na hora. As rosas, as fitas, a cor lilás, a imagem da santa, esse conjunto de elementos simbólicos relativos a Santa Rita ganhava sentidos especiais nas vésperas de sua festa.

A sequência proposta pelo livrinho foi seguida todos os dias pelos celebrantes, com exceção do primeiro e do sétimo dias, em que foram feitas as procissões com as rosas. Apesar da estrutura formal, durante a novena ocorreram mudanças relacionadas principalmente à condução particular que cada celebrante dava a ela: era mais ou menos demorada, empolgante ou emocionante. Isso porque, como é comum na ocasião das festas de santos, padres de outras paróquias são convidados ou mesmo se oferecem para celebrarem missas na igreja em festa, liberando os clérigos locais para sua organização.

A celebração da novena era feita sempre depois da missa e começava todos os dias com o sinal da cruz¹⁷. Nesse caso, o gesto, para além de fórmula evocativa que colocaria a novena sob proteção de um ser (Mauss 1981), ou forma de marcação da passagem de um mundo metaforicamente mundano para outro sagrado, parece ser signo de uma ruptura, ou seja, da passagem de um evento (a missa) a outro (a novena), cuja transição precisava ser demarcada. Tendo executado tal gesto, o celebrante identificava a novena do dia, citando sua posição numa sequência ordenada (primeiro dia, segundo, etc.), e começava a leitura da oração, sendo seguido pelos devotos, que o acompanhavam oral ou mentalmente.

Após a leitura dos textos diários, rezava-se três vezes, em voz alta, o Pai-Nosso, Ave-Maria e Glória, orações básicas do catolicismo (Reesink 2009), como já fora mencionado anteriormente. Depois, o celebrante proferia a antífona, um curto versículo

recitado ou cantado por ele: “exultou o espírito de Rita em Deus, seu Salvador, ao receber o Espinho de Cristo, seu Esposo”, ao qual respondiam alternadamente os fiéis: “assinalastes, Senhor, a vossa serva Rita”, “com o sinal da vossa caridade e paixão”.

Então, o padre convidava o público a cantar a “ladainha de Santa Rita”, e assim ela era tocada e cantada, pelos músicos e fiéis:

Refrão: Santa Rita de Cássia, rogai por nós,
Intercedei a Deus por nós (Bis)

Pelos vossos devotos, intercedei,
Pelos vossos doentes, intercedei,
Pelos vossos prodígios, intercedei,
Pela vossa devoção, intercedei,
(Refrão)

Pelos colaboradores, intercedei,
Pelos vossos benfeitores, intercedei,
Pelos vossos admiradores, intercedei,
Pela vossa Igreja, intercedei,
(Refrão)

Pelas vossas famílias, intercedei,
Pelas causas impossíveis, intercedei,
Pelos desempregados, intercedei,
Pelos desamparados, intercedei,
(Refrão)

A música dava um som diferente ao pedido, já que os músicos cantavam a primeira parte do verso, “pelos vossos devotos”, e o público respondia cantando, com intensidade e vibração cada vez maiores: “intercedei”. Santa Rita era chamada a interceder pelas pessoas, pelas causas e pelas famílias. A duração e o paralelismo, ou seja, a repetição da fórmula “intercedei”, constituem-se como intensificação do significado, como modo de aumentar a eficácia da ação ritual (Tambiah 1985c). Esse era, sem dúvida, um momento de “grande emoção” para os fiéis, em que os signos auditivos e visuais, a música e a visão da santa com a fita lilás em torno de si, esses elementos se misturavam no tempo e na forma, dando sentido e reforçando o envio das mensagens dos devotos a Santa Rita. Durante a música, algumas pessoas choravam, outras dançavam, outras ainda se abraçavam, enfim, por meio de sua função expressiva, a música produzia e deixava aflorar as emoções. Assim, naquele momento, eram realizadas comunhões e trocas simbólicas e sociais entre as pessoas e os santos, e entre as próprias pessoas.

Para encerrar a novena, rezava-se uma mesma oração todos os dias, mas nesta o pedido do fiel não era retomado; apenas se pedia a Deus que ele permitisse ao fiel con-

templar suas dores. Já a “oração para o dia do encerramento” era diferente: a santa era lembrada pelo fiel da graça que ele “infatigavelmente” solicitara, durante os nove dias. Nesse caso, lembrar a santa pode ser pensado como algo que asseguraria, do ponto de vista do fiel, a emissão de uma mensagem “sem ruídos” (Leach 2000 [1966]), isto é, que pudesse ser decodificada e atendida por Santa Rita. Ao mesmo tempo, a repetição produz a dimensão infatigável da relação de devoção, como uma prova de fidelidade e empenho.

Por fim, após a oração ser recitada por (quase) todos em voz alta, antes de finalizar a cerimônia com a bênção do “em nome do Pai”, alguns padres pediam salvas de palmas para Santa Rita. Entre os celebrantes, havia um que sempre enfatizava, mesmo depois de as pessoas terem batido palmas: “eu acho que Santa Rita merece mais”, ou “eu acho que pode ser mais forte”, sendo prontamente respondido pelas pessoas, que intensificavam os movimentos de suas mãos. Atendendo à conclamação do padre, os participantes fechavam a novena realizando uma espécie de catarse que “renovava as forças”, como ouvi de uma devota, ao dizer por que preferia este celebrante a outro, que terminara a novena em silêncio, apenas com a bênção final, sem pedir palmas. Disse anteriormente que, dependendo do padre que a celebrava, a novena ganhava contornos especiais, porque cada um apresentava uma entonação de voz diferente, uma gesticulação mais ou menos animada, um olhar mais ou menos brilhante ao pedir que as pessoas saudassem a santa. Essa situação mostra que, apesar de um ritual ter sempre invariantes e sequência estereotipadas, nenhuma performance de um rito é exatamente igual à outra, já que é afetado pelo processo peculiar do especialista de recitação oral (Tambiah 1985c).

Como se percebe, a novena de Santa Rita envolve atos, textos, gestos, sons, cores e cheiros, elementos paradigmáticos que ao serem analisados em sua forma, sequência e conteúdo vão ganhando significados particulares, relacionados a um contexto mais amplo, o da relação com a santa. Esta é permeada de trocas simbólicas que extrapolam a relação de devoção, envolvendo também trocas simbólicas entre pessoas de diversos circuitos sociais: padres, devotos, pessoas católicas que vão à igreja para assistir a uma missa e que acabam participando da novena, etc.

Neste ritual, as cores, as rosas, enfim, os signos da devoção naquela igreja carioca desempenham um papel particular como elementos do pedido, que, combinados com as palavras, se constituem em atos mágicos (Malinowski 1930; Tambiah 1985b), tentando produzir efeito sobre a santa. O fato de a sequência de movimentos não ser sempre cumprida à risca, apesar de haver uma prescrição formal para ela, além das variações relacionadas à atuação de diferentes celebrantes e devotos, sinaliza que no ritual há dinâmicas, ou clímax e tensões (Kondo 1984).

2. Características formais da novena

A novena usada na igreja é um livrinho que tem 11,5 centímetros de altura por 7,5 de largura, ou seja, é pequeno e leve, portanto, fácil de carregar. É um artigo barato, que,

em 2010, era vendido na loja da Paróquia por R\$ 0,50, o que sinaliza que sua aquisição possa ser relativamente acessível aos devotos de diversas classes sociais. Em minhas idas semanais à loja de artigos religiosos desta igreja e durante meu trabalho como ajudante numa barraquinha que vendia esses produtos durante a Festa, observei que as mulheres representam a maioria dos compradores. Presenciei casos de homens adquirindo objetos religiosos, mas nas vendas e conversas verifiquei que a circulação da novena ocorre mais entre elas, sobretudo as adultas e as idosas. Em geral, elas diziam estar comprando para si ou para presentear mulheres da própria família, dos vínculos de amizade, ou de outros círculos sociais, impulsionadas, quando não por problemas urgentes de saúde, pelos relacionados às questões conjugais, próprias ou alheias¹⁸.

Portanto, considerando seus principais consumidores e usuários, a novena indica que há clivagens importantes de gênero¹⁹ a respeito de representações religiosas e práticas sociais. Quando uma mulher presenteia outra com uma novena, ela parece estar, para além de uma questão maussiana relacionada à dádiva, realizando um tipo de cuidado para com o próximo, seja diretamente, intercedendo junto à santa, seja indiretamente, dando o presente, isto é, indicando o caminho, o que me permite pensar em uma ética do cuidado entre mulheres, a partir da religião. Nesse caso, pedir à santa seria uma forma de assumir os papéis designados socialmente como femininos, como o de cuidar e o de dar formação religiosa. Lembremos que diferentes autoras já mostraram como o campo da prática religiosa se constitui sobremaneira a partir do investimento da população feminina, especialmente nos rituais, na transmissão e na manutenção da memória do grupo religioso (Rosado 2005; Giorgio 1991).



Figura 1: Capa do folheto da novena de Santa Rita.

Na capa (ver figura 1), de cor rosa, há uma imagem de Santa Rita, que aparece vestida com o hábito preto, em sua (clássica) representação diante de Cristo Crucificado, no momento em que recebia dele a almejada chaga que a permitiria compartilhar das dores do Senhor. Como observei em campo, a maioria dos devotos identifica a santa por meio deste ícone, já que ele contém seus principais atributos: o estigma na testa²⁰ e o crucifixo. Na mesma capa, aparece o título “Novena – Santa Rita de Cássia”, exercendo uma função referencial por meio de um texto que permite a identificação daquele artigo religioso diante de outros, como santinhos e orações, que lhe são semelhantes em forma e tamanho.

Na primeira página da novena, com o subtítulo “notas biográficas de Santa Rita de Cássia”, apresenta-se uma breve descrição da história da santa. O texto começa relatando seu nascimento milagroso, de pais muito idosos; passa por episódios relacionados a abelhas e curas durante a infância; relata seu casamento como exemplo de submissão aos desígnios dos pais, já que Rita desejava seguir a vida conventual; narra o assassinato de seu marido e a tentativa de vingança de seus dois filhos; cita o pedido feito por Rita a Deus para que Ele levasse seus filhos, caso estes fossem vingar o homicídio do pai, relatando ainda a morte dos dois, após terem adoecido; descreve a entrada milagrosa de Rita no convento que só aceitava mulheres virgens, introduzida milagrosamente no claustro por Santo Agostinho, São João Batista e São Nicolau, santos de quem era devota; expõe ainda as provações e os milagres ocorridos no convento; e, finalmente, comenta a morte e a canonização de Santa Rita.

Esta biografia resumida da santa serve para socializar os eventos que serão referidos na novena cada dia e para contextualizar os devotos que não conhecem sua vida, ao mesmo tempo que constrói referências do que significa ser santo. Afinal, nem sempre um devoto conhece a história dos santos, pois isso não é um fator imprescindível para com ele se estabelecer uma relação, já que se tornar devoto é algo mais atrelado ao ato de “experimentar o santo”, alcançando graças ou recebendo milagres, do que ao de se admirar sua vida (Menezes 2004a). Para muitos fiéis, basta conhecer as especialidades popularmente conhecidas dos santos, como, por exemplo, saber que Santo Antônio é casamenteiro ou que Santa Rita é protetora das causas impossíveis, para acioná-los.

Separando as notas biográficas das orações propriamente ditas está o subtítulo “novena de Santa Rita, para obter socorro nos casos desesperados”, indicando uma das particularidades desta santa, também qualificada por fiéis e instituições como “advogada das causas impossíveis”.

A novena propunha uma estrutura fixa, que deveria ser repetida todos os dias: (1) fazer o sinal da cruz; (2) ler a oração do dia; (3) rezar três Pai-Nosso, uma Ave-Maria e Glória; (4) proferir a antífona; (5) cantar a ladainha de Santa Rita; (6) fazer uma oração final, que era a mesma todos os dias; e, por último, (7) fazer o encerramento, novamente com o sinal da cruz. Prescrita assim, em seu aspecto formal, a novena envolve a realização de atos corporais e atos de fala. Na análise que faz sobre

o poder mágico das palavras nos rituais, a partir das reflexões de Malinowski (1930), Tambiah (1985c) afirma que

[...] palavras rituais não podem ser tratadas como uma categoria indiferenciada. Os rituais exploram várias formas verbais às quais nos referimos vagamente como orações, canções, encantamentos, endereços, bênçãos e assim por diante. É necessário estudar se um ritual é composto de tais categorias reconhecidas e analisar suas características distintivas em termos de sua forma interna e sua sequência (Tambiah 1985c:18, tradução nossa)²¹.

Influenciada por Tambiah, Dorinne Kondo (1984) enfatizou a necessidade de dar atenção às formas rituais e suas sequências, como indicadores de conteúdo: “embora o significado culturalmente construído deva informar qualquer entendimento do rito, isso por si só não pode explicar o poder simbólico da cerimônia do chá. Esta leitura interna concentra-se nas principais características formais: sequenciamento; o papel das múltiplas mídias; e padronização de redundância” (Kondo 1984:287, tradução nossa)²².

Levando em consideração as proposições desses antropólogos, fiz um pequeno exercício, a fim de compreender a estrutura formal da oração na novena. Para isso, criei uma tabela onde tentei identificar e classificar os componentes do ritual e pensar na oração como uma mensagem importante, não só pelo conteúdo ou informação referencial (o pedido) que carrega, mas pela forma como o faz.

Tabela 1: Análise estrutural da Novena

Dias	Forma de invocação e epíteto	Características biográficas e/ou especialidades salientadas	Pedidos/Verbos salientados no 1º parágrafo	Pedidos/Verbos salientados no 2º parágrafo
1ª	Ó gloriosa Santa Rita, protetora dos casos impossíveis	Proteção dos casos impossíveis Concepção como dádiva; milagres da infância	Diante de vós me prostro Intercedas em meu favor	Compaedecei-vos das minhas dificuldades e dores. Alcança-me com o favor que imploro, a graça de comprender o sentido sobrenatural da dor, para poder utilizá-la em bem de minha salvação
2ª	Ó ditosa Santa Rita, advogada e consoladora dos atribulados	Submissão aos pais e ao diretor espiritual do convento; sacrifício do matrimônio; sofrimentos	Com confiança recorro a vossa intercessão para que obtenhais de Deus o favor de que necessito	Vos rogo que me alcancéis com a graça que imploro, o desprendimento das coisas mundanas e a mais firme esperança nas divinas promessas do Nosso Senhor Jesus Cristo
3ª	Ó Santa Rita, estupendo prodígio de fortaleza	Insultos recebidos do marido; sofrimento com a vontade de vingança dos filhos	Torno a pedir-vos que intercedais por mim a Deus	Pedo-vos que obtenhais de Deus a necessária fortaleza para que a minha vontade nunca desfaleça no meio dos sofrimentos
4ª	Ó Santa Rita, modelo de mansidão e intercessora poderosa nos casos impossíveis	Humildade perante as repulsas sofridas da superiora no Convento; milagre de entrar no convento	Me dirijo outra vez à vossa valiosa proteção para suplicar-vos auxílio nesta minha grande necessidade	Obtende-me de Deus a graça de alcançar uma verdadeira humildade que me seja fundamento de todas as virtudes
5ª	Ó Santa Rita, vítima da caridade	Lágrimas que derramou pelos pecadores; orações por eles	Escutai as minhas preces e tornai-as aceitáveis ao Senhor, fazendo com que volva o olhar sobre a grande necessidade que me angustia	Rogai também por mim ao Senhor para que eu me torne digno de receber com o favor que almejo um verdadeiro zelo e amor constante pelas almas resgatadas pelo sangue de Jesus
6ª	Ó Santa Rita, perfeito modelo de obediência	Obediência, dom de fazer milagres nas extremas necessidades da vida.	(não há pedido expresso)	Alcança-me de Deus que eu me submeta sempre ao seu divino querer
7ª	Ó Santa Rita, verdadeira mártir do redentor	Extase e dor sofridos com espinho da coroa de Cristo	Novamente vos imploro e não cessarei de fazê-lo até que me tenhais alcançado do vosso Divinho a graça que tanto almejo	Alcança-me do divino Redentor a graça que venho pedindo e a de meditar frutuosamente a sua amarga paixão
8ª	Ó afortunadíssima Santa Rita, que tão privilegiada fostes na terra	Colóquios que manteve com Jesus e Maria, familiaridade com os bem-aventurados anjos	Venho rogar-vos que me tornei propício o Senhor Deus, concedendo-me a graça que imploro	Alcança-me de Jesus e Maria a graça que espero, e especialmente a de vós benignos nesta vida e favoráveis no momento de minha morte
9ª	Ó querida Santa Rita, angustiado pela desventura,	Alma rica de méritos e virtudes, ingresso no céu	A vós me recomendo para que não me abandonéis junto do trono do altíssimo, nesta tribulação demasiado amarga	Ó minha querida advogada e doce protetora, em vós ponho o meu refúgio na minha atual necessidade. Alcança-me o perdão de todos os meus pecados.

dia), que pode ser entendida como uma frase que chama a santa para o contato, como uma saudação, marcada por uma linguagem poética e emotiva. Como se pode verificar na tabela, a invocação mais comum era “Ó Santa Rita”, proferida entre o terceiro e o sétimo dias, que nos outros apareceu acompanhada de qualificações positivas: gloriosa, ditosa, afortunadíssima, querida. As formas de saudação envolvem várias facetas, indo de uma mais solene, expressa no termo “gloriosa”, no primeiro dia, até o último, em que a santa é evocada como “querida”, o que sugere a existência de um processo de aproximação afetiva e de criação de intimidade entre o devoto e a santa ao longo dos dias da novena.

Essas qualificações afetuosas e sentimentais expressas na utilização de termos como “querida” jogariam uma luz significativa sobre a sede de amor e de ternura dos locutores (Herberich e Raphael 1982), e essa forma carinhosa estaria relacionada a uma “etiqueta” e a uma tentativa de sensibilização do santo, de seduzi-lo para atender a uma graça (Menezes 2004b). Essa fórmula também é encontrada em pedidos escritos feitos aos santos, sinalizando a reprodução desse padrão formal por parte dos fiéis, o que aponta para a modelização dessas orações e pedidos (Menezes 2011). É como se o devoto devesse adotar um padrão de comportamento convencionalmente adequado no enunciado, para que a situação de comunicação fosse feliz, no sentido de Austin (1974). Para este autor, o conceito de felicidade, no que tange aos atos de fala, seria um tipo de medida qualificativa que mostra que o ato de fala foi bem compreendido.

Separado dessa invocação que se faz à santa, seguia um epíteto²³, caracterizando Santa Rita em termos de suas virtudes: “protetora dos casos impossíveis”, “estupendo prodígio de fortaleza”, “modelo de mansidão”, “perfeito modelo de obediência”, “privilegiada na terra” e “advogada e consoladora”. No oitavo dia, diferentemente dos outros, no lugar do epíteto aparece a oração²⁴ explicativa “que tão privilegiada fostes na terra”, a qual desempenha a mesma função daquele: marcar uma característica virtuosa da santa. No nono dia, não há um epíteto classificando a santa, e sim uma qualificação do devoto, que, “angustiado pela desventura”, introduz sua súplica. Observei que tais epítetos não se repetem; eles se somam no que se refere às qualidades ressaltadas sobre a santa, que é louvada e glorificada, e, nesse sentido, essa soma ajuda a criar uma assimetria entre ela e o devoto.

O epíteto de cada dia estava relacionado com a característica hagiográfica que era enfatizada sobre a santa no primeiro parágrafo e com o pedido salientado no segundo parágrafo. Assim, por exemplo, no terceiro dia, em que a santa foi qualificada de “estupendo prodígio de fortaleza”, os episódios apresentados de sua história de vida foram os “insultos recebidos do marido e o sofrimento com a vontade de vingança dos filhos”, no primeiro parágrafo e, no segundo, a súplica “Peço-vos que obtenhais de Deus a necessária fortaleza para que a minha vontade nunca desfaleça no meio dos sofrimentos”. Em outro exemplo, quando foi qualificada como “verdadeira mártir do redentor” (sétimo dia), os fatos biográficos citados foram “o êxtase e a dor sofridos com a coroa de Cristo”, e o pedido final “alcançai-me do divino Redentor a graça que

venho pedindo e a de meditar frutuosamente a sua amarga paixão”. Portanto, há no texto um encadeamento formal diferenciado entre os dois parágrafos, mas cujo conteúdo era contínuo e no qual a explicitação das especialidades ocorre a partir de uma determinada experiência que a santa teve em vida, o que a tornaria mais suscetível a atender ao pedido.

A história de Santa Rita era retomada em cada dia nas referências feitas aos atos virtuosos e aos milagres que compõem sua hagiografia e, nesse sentido, a novena constituiu-se num percurso hagiográfico em forma de prece, que articula especialidade e pedido²⁵. No primeiro dia, relata-se seu nascimento milagroso; no segundo, a submissão aos pais, etc., até o penúltimo dia, quando cita seus colóquios com Jesus, e, finalmente, o nono, que conta o ingresso no céu, quando sua alma já era “rica de méritos e virtudes”. As características salientadas de sua vida e morte são descritas em sua relação com os valores espirituais e/ou morais enfatizados em cada fase de sua vida. Afinal, esses eventos são episódios tirados de um gênero literário no qual os “fatos” são, antes de tudo, significantes a serviço de uma verdade que constrói a sua organização “edificando” sua manifestação (Attwater 1983; Certeau 2002; Jolles 1976).

Quanto ao pedido, este aparece no início do primeiro parágrafo, sendo feito, em geral, em silêncio ou em voz baixa, por meio de verbos propiciatórios, como “interceder”, “obter”, “alcançar”, os quais enfatizam o papel do santo como intercessor e mediador, como defende a instituição católica. Há variações nesses verbos: no primeiro dia, o devoto se “prostra” diante da santa; no segundo, “recorre a ela”; depois, no terceiro, “torna a pedir”; no quarto dia, “se dirige outra vez para suplicar”; no quinto, “pede que ela escute as preces e as torne aceitáveis ao senhor”; no sétimo, “novamente implora e não cessará de fazê-lo”; no oitavo, “roga”; e, finalmente, “se recomenda”. Embora sejam expressões diferentes, há algo comum entre elas, no caso, a intenção de provocar uma ação na santa, o que me faz pensar nessas formulações verbais como tipos de atos perlocucionários²⁶.

Por meio da enunciação desses verbos, espera-se produzir um efeito na santa, qual seja, o de ela conceder ao devoto aquilo que ele pede. Por isso, há uma retomada dessas intenções no segundo parágrafo da prece, onde o devoto “roga”, “pede” e, por fim, no último dia, “põe seu refúgio” na santa, ou seja, entrega-se a ela, sempre lembrando que, durante os nove dias, ele “vem pedindo”. O caráter de auto-humilhação é atrelado à criação de assimetrias por parte do devoto que, por isso, precisa constantemente reforçar seu pedido. Nesta parte, pede-se que a santa lhe alcance o favor desejado e que, ao mesmo tempo, ajude o devoto a capturar para si as qualidades espirituais daquela, entrando em comunhão com ela e com Deus.

Como sempre intenta obter algo do santo, a novena pode ser pensada como um sistema de comunicação, cuja linguagem envolve um comportamento técnico-comunicativo de um emissor, o devoto, e, juntamente, um tipo de comportamento ritual mágico (Leach 2000 [1966]), em que ele invoca poderes de seu receptor divino,

Santa Rita. Sob esse aspecto, pode-se pensar nos textos como espécies de fórmulas mágicas rituais que teriam poder de influenciar no curso dos eventos (Malinowski 1930; Tambiah 1985c).

Considerações finais

A análise ritual da novena elenca uma série de questões e de elementos de eventos solenes relacionados ao culto de Santa Rita, de momentos também compostos de sequências rituais pautadas em “padrões de atos e falas”, a própria fala sendo vista como ato, como sugere Austin (1974).

A novena de Santa Rita, como podemos perceber, compreende atos, textos, gestos, sons, cores e cheiros, elementos paradigmáticos que, ao serem analisados em sua forma, sequência e conteúdo, vão ganhando significados particulares, relacionados a um contexto mais amplo, o da relação com o santo. Relação que é permeada de trocas simbólicas que extrapolam a relação de devoção, envolvendo também trocas simbólicas entre pessoas de diversos circuitos sociais.

No ritual analisado, as cores, as rosas, os signos da devoção para aquela igreja carioca desempenham um papel particular como elementos do pedido, que, combinados com as palavras, se constituem em atos mágicos, tentando produzir efeito sobre a santa. Apesar de haver uma prescrição formal para a sequência de movimentos, esta não era cumprida à risca nas celebrações feitas naquela igreja em 2010. Havia variações interessantes, relacionadas à atuação de diferentes padres e devotos, sinalizando que no ritual há dinâmicas, ou clímax e tensões, como já fora salientado por Kondo (1984).

Da mesma forma, também são dinâmicas as possibilidades de interpretação dessa novena, que poderia ter seguido múltiplos caminhos analíticos, mas que aqui se encerra pensando a novena como um ritual coletivo de comunicação no qual celebrantes e fiéis, seus emissores, enviavam pedidos a uma receptora, Santa Rita. Receptora que, do ponto de vista da Igreja, seria mais uma interlocutora ou intercessora²⁷ entre devotos e Deus, mas que, para os fiéis, na prática, seria a destinatária principal, posto que tem poder de “operar milagres”. Destinatária que, ao contrário do que muitos poderiam pensar, não estava em outra esfera, e sim compartilhando com os devotos aquele espaço sagrado, encarnada nas imagens, ou melhor, nas diferentes “Santas Ritas” (Lima 2015b) às quais eles dirigiam seus olhares, preces, toques e beijos.

Referências Bibliográficas

- ALBERT, Jean-Pierre. (1997), *Le sang et le ciel. Les saintes mystiques dans le monde Chrétien*. Paris: Aubier.
- ATTWATER, Donald. (1983), *Dicionário de Santos*. Lisboa, Mem-Martins: Europa América.
- AUGRAS, Monique. (2005), *Todos os santos são bem-vindos*. Rio de Janeiro: Pallas.
- AUSTIN, J. L. (1974), *How to Do Things with Words*. Harvard: University Press.
- BARTHOLO, Maria Elisa C. (1991), *Que seja feita a tua vontade: um estudo sobre santidade e culto aos*

- santos no catolicismo brasileiro. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Sociologia, UFRJ.
- BASTIDE, ROGER. (2006), "A expressão da oração nos povos sem escrita". In: _____. *O sagrado selvagem e outros ensaios*. São Paulo: Cia. Das Letras.
- BERTHOD, Bernard; HARDOWIN-FUGIER, Elisabeth. (1999), *Dictionnaire iconographique des saints*. Paris: Les Editions de l'Amateur, Paris.
- CAILLOIS, Roger. (1997), "Le sacré de transgression: théorie de la fête". In: _____. *L'homme et le sacré*. Paris: Galimard.
- CASCUDO, Luís da Câmara. (1984), *Dicionário do folclore brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia, 5ª ed. (Clássicos Cultura Brasileira, vol. 4)
- CHAMPAGNE, Patrick. (1977), "La fête au village". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nº 17/18: 73-84.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. (1982), *Dictionnaire des symboles: mythes, rêves, coutumes, gestes, formes, figures, couleurs, nombres*. Paris: R. Laffont, Ed. Rev. et. Augm.
- CUOMO, Franco. (2000), *Rita de Cássia – A Santa dos casos impossíveis*. Tradução de Jairo Veloso Vargas. São Paulo: Paulinas. (Coleção Luz do Mundo)
- CERTEAU, Michel de. (2002), *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2ª ed.
- DA MATTA, Roberto. (1983), "Carnavais, paradas e procissões: reflexões sobre o mundo dos ritos". In: _____. *Carnavais, malandros e heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar.
- DURKHEIM, Émile. (2008), *As formas elementares de vida religiosa (o sistema totêmico na Austrália)*. São Paulo: Paulus.
- FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. (1980), *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- GIORGIO, Michela de. (1991), "O modelo católico". In: G. Fraisse; M. Perrot. *História das mulheres no Ocidente. O século XIX*. Tradução de Cláudia Gonçalves e Egito Gonçalves. Porto: Afrontamento, vol. 4.
- HERBERICH, Geneviève; RAPHAEL, Freddy. (1982), "Messages et prières des pèlerins de Thierenbach". *Revue des Sciences Sociales de la France de l'Est*, nº 11: 3-46.
- HUBERT, Henri; MAUSS, Marcel. (1929), "Étude sommaire de la représentation du temps dans la religion et la magie". In: _____. *Mélanges d'Histoire des Religions*. Paris: Félix Alcan.
- ISAMBERT, François. (1982), *Pour une définition sociologique de la fête*. Paris: Minuit.
- JOLLES, André. (1976), "A Legenda". In: _____. *Formas Simples*. São Paulo: Cultrix.
- KONDO, Dorinne. (1984), "The way of tea: a symbolic analysis". *Mam*, vol. 20: 287-306.
- LEACH, Edmund. (2000), "Ritualization in man". In: S. Hugh-Jones; J. Laidlaw (eds.). *The Essential Edmund Leach*. New York: Yale Univ. Press, vol. 1.
- LIMA, Raquel dos Santos Sousa. (2006), "Oh! Que imitem a Santa Rita de Cássia!" *As mulheres de nosso tempo: representações e práticas da devoção em Viçosa (MG), 2003-2006*. Niterói: Dissertação de Mestrado em História Social, UFF.
- _____. (2014), "É como se fosse Santa Rita": processos de simbolização e transformações rituais na devoção à Santa dos impossíveis. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado em Antropologia Social, PPGAS/MN/UFRJ.
- _____. (2015a), "A Santa dos Impossíveis: Rita de Cássia, História e Devoção". *REB – Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 75: 598-619.
- _____. (2015b), "Sobre presença e representação nas imagens dos santos católicos: considerações a partir de um estudo sobre a devoção à Santa Rita". *Religião & Sociedade*, vol. 35, nº 1: 139-163.
- LOSONCZY, Anne-Marie. (1997), *Les saints et la forêt. Rituel, société et figures de l'échange avec les Indiens Emberá chez les Négro-Colombiens du Chocó*. Paris: LHarmattan.
- LURKER, Manfred. (1997), *Dicionário de simbologia*. Tradução: Mario Krauss. São Paulo: Martins Fontes.
- MALINOWSKI, Bronislaw. (1930), "The problem of meaning". In: C. K. Ogden; I. A. Richards (eds.). *The meaning of Meaning*. London: Kegan Paul, 3ª ed.
- MAUSS, MARCEL. (1981), "A prece". In: _____. *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Perspectiva.

- MENEZES, Renata de C. (2004a), *A Dinâmica do Sagrado: rituais, sociabilidade e santidade num convento do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará – Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ.
- _____. (2004b), “Saber pedir: a etiqueta do pedido ao santo”. *Religião & Sociedade*, vol. 24, nº 1: 46-64.
- _____. (2011), “A imagem sagrada na era da reprodutibilidade técnica: sobre santinhos”. *Horizontes Antropológicos*, nº 17: 43-65.
- N.C.E. (1967), *NEW CATHOLIC ENCYCLOPEDIA*. New York: McGraw-Hill Book Co.
- O’NEIL, J. (1968), “Saints, devotion to the”. In: The Catholic University of America. *The New Catholic Encyclopedia*. New York: McGraw & Hill Ed., vol. 12.
- REESINK, Mísia Lins. (2009), “‘Rogai por nós’: a prece no catolicismo brasileiro à luz do pensamento maussiano”. *Religião & Sociedade*, vol. 29: 29-57.
- ROSADO, Maria José. (2005), “Dossê Gênero e Religião”. *Estudos Feministas*, vol. 13, nº 2: 363-365.
- SCOTT, Joan. (1989), *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Tradução: Cristine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Recife: SOS CORPO, 3ª ed. Mimeografado.
- SILVERSTEIN, Michael. (1997), “Language as part of culture”. In: S. Tax; L. G. Freeman (eds.). *Horizons of Anthropology*. Chicago: Aldine Publishing Company, 4ª ed.
- TAMBIAH, Stanley J. (1985a), “A performative approach to ritual”. In: _____. *Culture, Thought and Social Action*. Harvard University Press.
- _____. (1985b), “Form and meaning of magical acts”. In: _____. *Culture, Thought and Social Action*. Harvard University Press.
- _____. (1985c), “The magical power of words”. In: _____. *Culture, Thought and Social Action*. Harvard University Press.
- TAVARES, Jorge Campos. (1990), *Dicionários de Santos. Hagiológico, Iconográfico*. Porto: Lello e Irmãos Editores, 2ª ed.

Notas

- 1 Este texto foi elaborado inicialmente como um trabalho final da disciplina Rituais e Simbolismo, ministrada pela antropóloga Mariza Peirano, a quem agradeço as sugestões, no Museu Nacional da UFRJ, em 2010.
- 2 Trata-se da Igreja Santa Rita de Cássia, sede de uma paróquia que fica localizada no centro da cidade do Rio de Janeiro, no Largo de Santa Rita, onde realizei trabalho de campo, entre dezembro de 2009 e outubro de 2011.
- 3 A data em que se comemora a festa de um santo é sempre aquela da sua morte terrena, que marcava o nascimento do Santo junto a Deus, como se acreditava. No caso de Santa Rita, é 22 de maio (Cuomo 2000).
- 4 Esse mote foi confirmado canonicamente em função de ela ter realizado curas que foram analisadas como sendo inimagináveis, de acordo com os parâmetros científicos do século XIX, quando se iniciou o processo de canonização. Contudo, Albert (1997) lembra que ela não foi a única personagem celeste distinguida como patrona das “causas impossíveis” e afirma que essa patronagem não se constituía em uma “especialidade” de Rita, uma vez que todos os santos fazem milagres.
- 5 Este trabalho deu origem à tese intitulada “*É como se fosse Santa Rita*”: processos de simbolização e transformações rituais na devoção à Santa dos impossíveis, defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ, em 2014.
- 6 Esta terminologia foi proposta inicialmente nos trabalhos de Renata Menezes (2004a), que, tomando como ponto de partida a recuperação das concepções dos devotos, salienta a complexidade envolta no culto aos santos, pois, como emergiu de sua pesquisa, o culto abrange uma “relação” que conecta elementos significativos da vida do devoto aos aspectos da vida dos santos. Essa concepção tem sido partilhada pelo Grupo de Pesquisa de Antropologia da Devoção (GPAD/PPGAS/MN/UFRJ), o qual vem, por intermédio de diferentes trabalhos e projetos de pesquisa, tentando pensar as dimensões relacionais da devoção, a partir, principalmente, do diálogo com a antropologia dos rituais, dos objetos, e com a teoria antropológica em geral.
- 7 Na análise que esta antropóloga faz, ela argumenta sobre rituais e sociedade entre negros e índios Emberá, na Colômbia: “a novena, de origem católica, mas de uso mais restrito pela liturgia oficial, torna-se a unidade de medida fundamental do tempo ritual negro-colombiano. Isto é, que se trata de um período ritual prolongado, em que o começo e o fim são particularmente marcantes; sua abertura no primeiro dia e seu fechamento na última

noite. Entre os dois se situa a cada vez um tempo que o discurso negro chama de ‘o aquecimento da festa’ ou o ‘o aquecimento dos santos’” (Losonczy 1997:176, tradução nossa). No original: “*la novena* (‘neuvaine’), d’origine catholique, mais d’un usage plus restreint par la liturgie officielle, devient ainsi l’unité de mesure fondamentale du temps rituel négro-colombien. C’est dire qu’il s’agit d’une période rituelle étalée, dans laquelle le début et la fin sont particulièrement marqués; son ouverture par le premier jour et sa fermeture par la dernière nuit. Entre les deux se situe à chaque fois un temps que le discours noir appelle *el calentamiento de la fiesta* (‘le réchauffement de la fête’) ou *el calentamiento de los Santos* (‘le réchauffement des saints’)”.

- 8 É preciso registrar que há variações desse tipo de oração preparatória da festa, como por exemplo, a quinzena de Santa Rita, em Juiz de Fora (MG), e a trezena de Santo Antônio, no Rio de Janeiro (Menezes 2004a).
- 9 As expressões utilizadas entre aspas ao longo do texto, quando não indicarem termos de outros autores, devidamente identificados, farão referências às falas de meus interlocutores em diferentes momentos do trabalho de campo.
- 10 Hubert e Mauss (1929) afirmam que a ideia do tempo-espaço é um elemento distintivo das especulações da magia e da religião. Em sentido similar, Durkheim argumenta que “a vida religiosa e a vida profana não podem coexistir nas mesmas unidades de tempo. É, pois, necessário, destinar à primeira alguns dias ou períodos determinados dos quais todas as ocupações profanas sejam eliminadas. Foi assim que surgiram as festas” (2008:373).
- 11 Aos sábados e domingos, a última missa é realizada às 11 horas, depois da qual a igreja fecha, em virtude de o centro da cidade estar vazio.
- 12 Segundo Ferreira (1980:130), a antífona é um “curto versículo recitado ou cantado pelo celebrante, antes e depois de um salmo, e ao qual respondem alternadamente duas metades do coro”.
- 13 A ladainha é um tipo de oração formada por uma série de invocações curtas e respostas repetidas.
- 14 Esta é a cor considerada como sendo “a cor de Santa Rita” naquela igreja. É interessante que, na maioria dos lugares onde ela é cultuada, inclusive em outras igrejas sob sua invocação na própria cidade do Rio, a cor utilizada é a preta, pelas relações com o hábito preto de monja agostiniana e por ela ser atribuída às viúvas, estado civil pelo qual a santa passou.
- 15 A partir de uma observação minuciosa das formas de interação entre os devotos e as imagens de Santa Rita nesta igreja, Lima (2015b) recupera concepções “nativas” que complexificam a noção de “imagem”, presença e representação nas análises sobre as devoções aos santos. A pesquisa mostra que aquilo que a princípio seriam “diferentes imagens” da santa é, na visão de muitos devotos, a santa em “pessoa”, dotada de um corpo complexo, ambíguo e ambivalente. As preferências nativas por algumas “imagens” permitem cogitar que ela não é “uma” pessoa que se distribui nas várias imagens, porque chegam a ser diferentes na forma como se manifestam, nos afetos com os devotos, etc.
- 16 A rosa é um símbolo da devoção à Santa Rita, por estar atrelada à realização de um milagre por ela, embora também seja associada ao simbolismo de outros santos (Tavares 1990; Chevalier e Gheerbrant 1982; Lurker 1997).
- 17 Este gesto se traduz pela execução do desenho da cruz entre a cabeça e o peito, ao mesmo tempo que se recita uma invocação. Com a mão direita, toca-se levemente a testa (“em nome do Pai”), em seguida o peito (“do Filho”), o ombro esquerdo (“do Espírito Santo”), depois o direito (“amém”). De acordo com Mauss (1981), o gesto seria a fórmula inicial da maior parte das orações sacramentais no catolicismo, com valor evocativo, colocando a coisa que solenizam sob a proteção de um ser que nomeiam e tornam presente.
- 18 Cf. Lima (2006) a respeito da (suposta) especialidade da santa em ajudar nos problemas conjugais, já que teria sofrido muito com um marido violento, que bebia e batia nela. Por meio de abnegação e de muita oração, Rita teria conseguido converter o marido e, por isso, seria potencialmente intercessora para esposas sofredoras.
- 19 Utilizo, aqui, o conceito elaborado por Joan Scott: “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças sociais percebidas entre os sexos, o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (Scott 1989:14).
- 20 Esta marca na testa de Santa Rita é seu principal atributo, isto é, o elemento específico e particular que a distingue dos demais santos. Ainda são atributos da santa: rosas sob os pés, crucifixos nas mãos, lírios sob os pés ou na mão, rosários pendurados no braço e, raramente, figos (Berthod e Hardowin-Fugier 1999; Tavares 1990).
- 21 No original: “ritual words cannot be treated as an undifferentiated category. Rituals exploits a number of verbal forms which we loosely refer to as prayers, songs, spells, adresses, blessings, and so forth. It is necessary to study whether a ritual is composed of such recognized categories and to analyze their distinctive features in terms of their internal form and their sequence” (Tambiah 1985c:18).
- 22 No original: “though culturally constructed meaning must inform any understanding of the rite, this alone cannot account for the tea ceremony’s symbolic power. This internal reading focuses on key formal features: sequencing; the role of multiple media; and patterning of redundancy” (Kondo 1984:287).

- 23 Lembremos que o epíteto, de acordo com Ferreira (1980:685), é uma palavra ou frase que qualifica uma pessoa ou uma coisa.
- 24 Aqui, a palavra “oração” é utilizada em sentido gramatical, referindo-se à “frase, ou membro de uma frase, que consta de um predicado e um sujeito, ou só de um predicado” (Ferreira 1980:1220).
- 25 A hagiografia é um campo de conhecimento que lida com a obra e o estudo da vida dos santos e se refere ao que é exemplar. Nela, a vida e a morte do santo são descritas em sua relação com as atribuições da santidade: o caráter taumatúrgico, os milagres (tanto em vida quanto após a morte), o ascetismo, a retidão, etc. (Attwater 1983; Cer-teau 2002; Jolles 1976). Agradeço à Renata Menezes a dica para pensar a novena como um percurso hagiográfico em forma de prece. Para outros detalhes sobre a hagiografia de Santa Rita, conferir Lima (2015a).
- 26 Em sua análise sobre “how to do things with words” (“como fazer coisas com palavras”), Austin (1974) elenca três tipos de atos de fala: o locucionário, que é o ato convencional da fala referencial; o ilocucionário, que tem força não só para expressar o conteúdo da fala, mas para fazer algo a partir dela, dentro de determinados contextos (como em “eu vos declaro marido e mulher”), ou seja, por força convencional, ritual, nos quais dizer algo já é fazer algo; e o perlocucionário, que pode ser a realização de determinados efeitos no interlocutor, como convencer ou persuadir, ou a produção de uma sequência perlocucionária.
- 27 De acordo com a teologia católica, os santos devem ser reverenciados, já que seriam apenas intercessores junto a Deus, quem efetivamente poderia conceder bênçãos e graças (O’Neil 1968:963). A história do culto aos santos mostra, no entanto, que muitas vezes eles são considerados por seus devotos como se fossem, eles próprios, responsáveis pela realização de milagres e pela concessão de graças.

Submetido em: 05/07/2017

Aceito em: 28/03/2019

Raquel Lima* (raquelssousalima@gmail.com)

* Professora do CAP-COLUNI da Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, MG, Brasil; Doutora em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Resumo:

“Santa Rita de Cássia, rogai por nós”: uma análise da novena de Santa Rita de Cássia no Rio de Janeiro

Este trabalho apresenta reflexões sobre a novena de Santa Rita, realizada em uma Igreja do Rio de Janeiro, em 2010. A novena é analisada em seu aspecto formal e em seu caráter ritual. Considerando que num ritual a forma é conteúdo (Tambiah 1985a), faz-se a descrição e a análise da estrutura formal das orações, bem como das sequências e dos padrões de atos, falas e gestos durante a celebração. O artigo é fruto de uma tese sobre a devoção a esta santa, elaborada a partir de pesquisa de campo, em diálogo com as perspectivas teóricas da antropologia do ritual (Tambiah 1985a; Leach 2000 [1966]; Malinowski 1930), dos atos de fala (Austin 1974), da antropologia da devoção e dos estudos de gênero.

Palavras-chave: novena, ritual, devoção, simbolismo, Santa Rita

Abstract:

“Saint Rita of Cascia, pray for us”: an analysis of the novena of Saint Rita of Cascia in Rio de Janeiro

This paper analyzes the novena of Saint Rita, in a church in Rio de Janeiro. The novena is analyzed in its formal aspect and in its ritual character. Considering that in a ritual form is content, the article describes and analyses the formal structure of sentences, as well as the sequences and patterns of acts, speeches, and gestures during the celebration. The work is based on an ethnographic research, in dialogue with the theoretical perspectives of ritual anthropology (Tambiah 1985a; Leach 2000 [1966]; Malinowski 1930), speech acts (Austin 1974), anthropology of devotion and gender studies.

Keywords: novena, ritual, devotion, symbolism, Saint Rita